

# **O PODER DO ACOLHIMENTO: O AMOR E O CUIDADO NO PROGRAMA FAMÍLIA ACOLHEDORA NA TRAJETÓRIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES<sup>1</sup>**

**Ketlyn Piardi Barros<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

O presente artigo trata-se de um estudo exploratório com abordagem qualitativa que objetiva avaliar qual o impacto do Programa Família Acolhedora na garantia de direitos de crianças e adolescentes acolhidos. É fruto de pesquisa<sup>3</sup> realizada no Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora em um município da região norte do Rio Grande do Sul entre nos anos de 2018 e 2019. O artigo objetiva também a análise das mudanças ocorridas tanto durante o acolhimento, quanto após, mostrando se de fato o programa contribuiu para a transformação de determinada realidade. Foram entrevistadas três famílias acolhedoras, uma família adotiva, uma adolescente que esteve em acolhimento familiar e uma profissional do Serviço Social. Espera-se que esse trabalho possa servir de referência sobre acolhimento familiar no meio acadêmico e que produza indicações de possibilidades interventivas multiprofissionais na área temática.

**Palavras-chave:** Criança e adolescente. Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora. Família

## **Considerações iniciais sobre a pesquisa “Família Acolhedora: Limites e potencialidades do Serviço de Acolhimento”**

De tijolo a tijolo, se fez aquele prédio que por fora parece tão pequeno e singelo. Ao adentrá-lo, vê-se várias pessoas afundadas na rotina do trabalho. Ao subir as escadas, mais pessoas. Algumas têm sorrisos a dar, outras atarefadas, parecem infelizes e cansadas. Ao passar pelo imenso corredor de paredes brancas meio desgastadas com figuras nelas fixadas, e pela sala de brinquedos onde as crianças passam o tempo, encontra-se o local onde tudo começou. É pequena, mas bonita. É acolhedora e colorida. Mas isso não deixa esconder a face da pobreza extrema, da violência, da indignação, do descaso.

Dentro das paredes que concebem a sala do Programa Família Acolhedora, onde todos os dias entram diversas famílias, existem armários abarrotados de documentos. Constituem-se de relatórios, pareceres, estudos sociais, que ligando uma sílaba a outra formam uma intensa narrativa das dificuldades daqueles sujeitos, suas angústias, suas tristezas, e as lágrimas do sofrimento por elas passado. Apesar de todo o volume de folhas impressas, pode ser que talvez nunca se pudesse traduzir a realidade daqueles personagens, pois a cada dia havia algo mais a acrescentar nos capítulos daquelas histórias.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso entregue como requisito parcial para obtenção de bacharel em Serviço Social/UPF orientado pela Profª. Dra. Giovana Henrich.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Serviço Social pela Universidade de Passo Fundo.

<sup>3</sup> O presente artigo originou-se do projeto de pesquisa que foi submetido à apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o número de parecer 3.479.047.

As famílias que por ali passam são descritas por muitos como “desestruturadas”, onde suas dores são desconsideradas, e com frequência são culpabilizadas pela visão funcionalista de um sistema neoliberal que procura responsabilizar pessoas que necessitam de cuidado a cuidarem de outros, e que por vezes e por muitas razões, não conseguem. Esse olhar enfatiza a humilhação, a negação da autonomia do sujeito, como desconsidera também as fragilidades da pessoa humana. Durante muito tempo perdurou-se a percepção de que família era um conceito unicamente ligado ao vínculo natural que une os homens, a consanguinidade. Entretanto, hoje tem-se a concepção de família para além do sangue, sendo considerada um espaço primordial de cuidado, de afeto e principalmente pelo sentimento de pertencimento àquele grupo de pessoas. Apesar da família ser pensada como um fenômeno da perspectiva humana, estabelecer vínculos e relações afetivas de forma saudável, propiciar cuidado e amor dentro do ambiente familiar é uma tarefa desafiadora.

No Brasil contemporâneo, observa-se que a instituição família ganhou lugar privilegiado nas políticas sociais, porém, ainda o Estado assume a posição de controle das famílias, especialmente aquelas pobres e “em desordem” sob a premissa de proteção social, ignorando a importância de que as famílias “não são apenas espaços de cuidados, mas também espaços a serem cuidados” (MIOTO, 2000). Deste modo, depara-se hoje, com famílias enfrentando situações de extrema violência, desemprego, e outras situações de vulnerabilidade ou violação de direitos, que adoecem seus membros de forma física e mental, vitimizando principalmente crianças e adolescentes.

Em sua maioria<sup>4</sup>, as famílias são negras, de bairros pobres, culpabilizadas e marginalizadas principalmente por condições associadas pela situação de pobreza em que vivem, que não é o único condicionante, mas que por suas vezes acaba implicando diretamente em todo o contexto.

A condição econômica e social não deve ser a única explicação para a incapacidade da família de cumprir seu papel. As dificuldades vividas por ela devem ser identificadas como uma incompetência das políticas sociais e de suas estratégias de ação para a superação da questão (OLIC, 2019, p. 23).

O resultado disso é o afastamento de crianças e adolescentes do convívio de suas famílias que são consideradas incapazes de cuidarem de seus filhos. Os motivos da institucionalização ou acolhimento familiar, mais que pela “incapacidade” das famílias em proverem os cuidados necessários às crianças e adolescentes, liga-se diretamente com a

---

<sup>4</sup> As informações citadas foram coletadas através de PIA's (Plano Individual de Atendimento) que encontravam-se na instituição onde foi realizado o Estágio Supervisionado em Serviço Social.

carência das políticas públicas em atender famílias. Se as famílias não conseguem cuidar de seus filhos, é porque também o Estado não consegue cuidar das famílias.

Não se pretende aqui atenuar as funções da família ou colocar “panos quentes” nas situações gravíssimas que crianças e adolescentes passam dentro de um conjunto de paredes, mas sim, poder tirar as lentes etnocêntricas e cheias de pré-conceito e acionar o olhar relativista para a paisagem frequentemente invisibilizada onde diversas expressões da questão social<sup>5</sup> como o abandono, a violência doméstica, a violência sexual e o uso abusivo de drogas fizeram morada.

Para muitos a imagem da infância e da adolescência remete a sorrisos largos, risos alegres, brincadeiras saudáveis, a singeleza e inocência, entre outras características que remetam à proteção integral de crianças e adolescentes, fato antagônico aquele visto na sala do Programa Família Acolhedora. Rostos tristes, olhar perdido, com medo, apagado. Lágrimas incessantes, atos incompatíveis com a idade, poucas palavras e frases quando ditas, eram ouvidas com desalento e fúria.

Nesse cenário, o Programa Família Acolhedora atua como uma medida de proteção para crianças e adolescentes que tiveram seus direitos violados e que estão afastados da família de origem, sendo considerada também como uma medida excepcional, prioritária e provisória, atuando conforme as diretrizes do ECA (BRASIL, 1990) do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária- PNCFC (BRASIL, 2006), além de ser sustentado através de outros âmbitos jurídicos-legais.

Conceituando-se como um serviço que organiza o acolhimento de crianças e adolescentes em residências de famílias acolhedoras, o Programa Família Acolhedora visa também a proteção, cuidado e desenvolvimento sadio físico e mental de crianças e adolescentes, respeitando suas individualidades e considerando suas subjetividades como sujeitos de direitos, suas vontades, perspectivas de vida e principalmente sua história.

A família acolhedora consegue respeitar a individualidade dessas crianças e adolescentes, dedicando um olhar responsável e cuidadoso para a resolução de cada problemática em particular [...] estabelecendo relações duradouras de amizade, que se mostram como uma variável importantíssima no trabalho de apoio e reorganização da família de origem (REZENDE, s/a p. 5-8).

---

<sup>5</sup> Segundo Netto (2006, p. 153) a questão social pode ser designada como esse fenômeno da crescente pauperização e outras desigualdades das classes operárias.

Durante os estágios em Serviço Social no Programa Família Acolhedora, foi possível observar como o programa preconiza a Convivência Familiar e Comunitária, pois, a criança e o adolescente passam a ter acesso a outros espaços de interação. A família acolhedora também fica responsável pela rotina, as relações, o desenvolvimento escolar, permitindo que a criança conheça outras formas de ser e viver família, podendo enriquecer sua perspectiva de vida, criando expectativas sobre o futuro e tecendo relações com grande poder emocional e afetivo.

Conforme as mudanças nas concepções de infância e juventude, as perspectivas de acolhimento familiar também foram se modificando. Porém, a cultura da institucionalização de crianças e adolescentes ainda é muito forte e as dúvidas sobre o programa Família Acolhedora ainda pairam nos pensamentos de muitos, que frequentemente indagam: “Mas a família não se apega? A família acolhedora não pode adotar? E como fica a criança depois? Como é o desacolhimento? ”. Outros ainda arriscavam verbalizar que talvez nunca pudessem ser famílias acolhedoras, pois, não saberiam lidar com a “perda” de alguém depois de cuidá-lo. Para alguns, não se perde, e sim ganha. Assim como a criança, que ganha uma família a mais depois que é adotada ou quando retorna para a sua família de origem. Ganha-se um novo tio, uma tia, uma madrinha, uma irmã, uma segunda mãe de coração. É sublime.

Para outros, o acolhimento familiar tem seus malefícios, pois, há o pensamento de que um desacolhimento, principalmente de uma criança pequena após um período onde construiu-se um laço genuíno de amor e afetividade, é sofrido e injusto. Considerando que a família de origem ou a família adotiva podem optar por não manter o contato. Tem-se que respeitar suas opiniões e seus direitos como família.

O programa que surgiu como forma alternativa à institucionalização de crianças e adolescentes vem ganhando espaço dentro do campo das políticas públicas, bem como no espaço científico, porém, ainda de forma tímida, sendo um dos motivos que impulsionou a escolha do acolhimento familiar como tema de estudo. No momento de escolher um tema para a pesquisa que culminou com o presente artigo, observou-se diferentes viés considerando contemplar a violência intrafamiliar, a drogadição presente nos contextos das famílias, entre outros temas importantes, mas, que não ligavam o botão da curiosidade do desconhecido e que se juntavam a uma extensa fileira de milhares de números na busca de trabalhos acadêmicos. Era necessário algo novo. Por que não avaliar o Programa Família Acolhedora?

Segundo Silva e Barros (2004) as pesquisas de cunho avaliativo, atualmente são essenciais para dar visibilidade a determinada política social ou programa, serviço, e benefício que seja implementado dentro das mesmas.

Na conjuntura da redemocratização, a avaliação de políticas sociais responde à necessidade de tornar os agentes do Estado plenamente responsáveis de suas ações, contribui no debate democrático na medida em que clarifica as escolhas públicas e ajuda na compreensão coletiva de mecanismos sociais particularmente opacos. Procura-se desde então 'modelos alternativos' de avaliação que possam superar os limites do modelo tradicional que não dá conta das várias dimensões e complexidade da questão social (GOMES, 2001 apud SILVA e BARROS, 2004, p. 4)

Desde o início de sua implementação no ano de 2013, o Programa Família Acolhedora localizado em um município do norte do Rio Grande Do Sul não contemplou discutir a efetividade de seus objetivos no cotidiano das crianças e adolescentes acolhidos, com qualquer tipo de metodologia. Realizar uma pesquisa que tenha como objetivo avaliar certamente é um grande desafio, considerando que os resultados desta podem ser incompatíveis com os objetivos estabelecidos na implementação do programa, mas, que também podem ser benéficos e auxiliar em possíveis mudanças, podendo contribuir futuramente também no meio acadêmico e na construção de um debate democrático sobre o acolhimento familiar.

A experiência de inserir-se novamente neste espaço, reencontrando rostos conhecidos, procurando além do que já tinha sido visto durante o estágio, é certamente desafiador, considerando que se criou verdadeira estima e fascínio sobre o serviço. Porém, agora com um olhar diferenciado proporcionado por todo o processo de pesquisa. Exige-se também uma postura ética diferenciada da que foi adotada durante o estágio, pois, é importante estabelecer os limites entre um sujeito de pesquisa e um pesquisador, mais do que entre um profissional e um usuário onde existia vinculação, algumas mais fortes que outras e que não pode interferir durante os procedimentos de coleta de dados. Adotou-se assim uma compostura de pesquisadora. O acolhimento familiar, baseia-se na valorização do ambiente familiar e do cuidado, protegendo as crianças em momentos difíceis, propondo a minimização do sofrimento dos mesmos, sendo que é a partir destes que foram estabelecidos os objetivos específicos da pesquisa:

- Conhecer de que forma o programa contribui para a superação da situação vivida por crianças e adolescentes;
- Identificar como a intervenção profissional possibilita o rompimento das situações de violência e superação das violações de direitos;
- Compreender como a oportunidade de conviver com outras realidades, de sentir o afeto e o cuidado, fortalece o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes que passam pelo serviço.

Desta forma, o estudo contempla como objetivo geral conhecer qual impacto do Programa Família Acolhedora na garantia de direitos de crianças e adolescentes acolhidos em um município da região norte do Rio Grande do Sul entre 2018 e 2019. Logo, os sujeitos de pesquisa constituíram-se de três famílias acolhedoras que estão no serviço e estiveram entre os anos de 2018 e 2019, uma família adotiva, um profissional que compôs a equipe técnica do serviço e uma adolescente que esteve em acolhimento familiar, os principais protagonistas<sup>6</sup> e vozes do Família Acolhedora. São pessoas de diferentes idades, cores, pensamentos, visões de mundo, e que de alguma forma estão interligadas.

A entrevista foi o instrumento de coleta de dados utilizado para todos os participantes, pois, permite ao pesquisador fazer “uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade” (DUARTE, 2004, p. 215). Com um roteiro de perguntas semiestruturadas, a entrevista permitiu que os sujeitos pudessem tecer críticas, opiniões, elucidar suas concepções sobre os questionamentos e falar suas experiências, vivências, tanto as boas, como as ruins. O resultado? Várias horas gravadas e transcritas, onde transformaram esse papel que estava em branco em um enxame de palavras que traduzem a dor, a tristeza, a mágoa, o amor, o silêncio, as lágrimas e sorrisos. O presente artigo surge então como um porta voz dessas pessoas, que mesmo tendo tanto a falar, nunca foram ouvidas.

## 2. Uma família para pertencer

A partir da análise de dados<sup>7</sup> construída, algumas categorias finais resultantes respondem ao objetivo que se refere à contribuição do programa para a superação das situações enfrentadas por crianças e adolescentes. A mais representativa foi **Percepções sobre o programa**.

Muitas das crianças e adolescentes que foram acolhidos não possuíam acesso a direitos sociais básicos, e viviam em situações degradantes no seio da extrema pobreza, da violência,

---

<sup>6</sup> A amostra prevista no projeto de pesquisa ficou assim delimitada: “3 famílias acolhedoras, 1 criança e 1 adolescente que estão em acolhimento familiar, 1 família adotiva, e 1 profissional de Serviço Social que compôs a equipe técnica do programa entre os anos de 2017 e 2019. Esse profissional foi o único sujeito escolhido de forma acidental, uma vez que a atual equipe técnica do serviço está atuando por apenas 3 meses e ainda estão pouco familiarizados com o programa e com as famílias. Também será entrevistado um adolescente que está em família substituta, que será o único sujeito compondo um universo” (BARROS, 2019). Entretanto, no processo de coleta de dados, alguns dos sujeitos não concordaram em participar da pesquisa por distintos motivos, estes que foram respeitados conforme as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa e também de acordo os princípios éticos do Código de Ética do Assistente Social.

<sup>7</sup> Para a realização da análise de dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo.

sendo tratados muitas vezes de forma subumana. O afastamento da família de origem, mesmo que através de uma medida protetiva, também causa grandes sofrimentos à criança e ao adolescente. O Programa Família Acolhedora quando implementado, buscou amenizar o sofrimento através do cuidado, objetivando também que as crianças e adolescentes acolhidos pudessem em algum momento superar as situações por eles vivida.

Na tarde ensolarada do dia 18 abril de 2018 quando se iniciou o estágio em Serviço Social I, a primeira pessoa a entrar na sala do Programa Família Acolhedora foi uma mulher. A mesma carregava em sua face as marcas do cansaço e da tristeza. Sua filha havia sido acolhida há poucos dias e ela estava lá porque queria saber da criança. Apesar de não conhecer aquela menina que estava sentada num canto da sala e que iniciava naquele dia o seu estágio, Camila<sup>8</sup> abriu o coração e falou o que sentia. Chorava muito. Tinha medo. Medo de perder seu outro filho, um bebê e nunca mais ver sua filha. Num momento de desespero, chegou até a falar em fugir com as crianças. A menina no canto da sala tentou acalmá-la, disse que elas estavam ali para que a filha retornasse para os seus cuidados. Apesar de todo o trabalho da equipe técnica do serviço juntamente com a família durante um ano, a filha de Camila nunca mais voltou para casa.

A menina acolhida citada acima é Dienifer. Foi assim que a adolescente quis ser chamada para preservar sua identidade. Sorrindo muito, disse que escolheu esse nome pois o acha muito legal. A imagem da menina sorridente e de olhos brilhantes durante a entrevista é muito antagônica daquela ainda criança que foi acolhida em 2018. Parecida com Camila fisicamente e no jeito tímido de se portar, a menina viveu uma triste realidade em sua casa, onde por diversas vezes teve seus direitos violados por quem mais a deveria proteger. A história de Dienifer é muito curiosa, pois, foi acolhida por uma família que no cadastramento não queria acolher crianças ou adolescentes com seu perfil<sup>9</sup>. Dienifer acabou ficando um ano acolhida na casa de Marina e João. O pai acolhedor é mais tímido, mas uma pessoa admirável. Marina é uma mulher encantadora, de sorriso fácil, alegre e que se comunica muito bem. Era tão parecida com Dienifer que facilmente podia-se confundi-las como mãe e filha de sangue.

O acolhimento familiar foi algo novo para a adolescente que desconhecia o programa: *“Eu achei um pouco estranho porque eu nunca imaginei que eu ia morar em outra família. Pra mim quando... se eu fosse tirada, quando eu fosse tirada pra mim eu pensava assim... que quando eu fosse tirada da família, eu no caso, eu ia parar naquela casa de lar. Só que no*

---

<sup>8</sup> Todos os nomes aqui citados são fictícios para proteger a identidade dos sujeitos entrevistados.

<sup>9</sup> Durante o tempo de estágio no Programa Família Acolhedora a assistente social que compunha a equipe técnica verbalizou que a adolescente não era o perfil que a família acolhedora desejava acolher. Entretanto, esse perfil nunca foi especificado.

*caso fui acolhida por uma família, então foi bem diferente pra mim por isso*” (Dienifer, 29 de agosto de 2019). Ao ser indagada sobre o que achava da família acolhedora, a mesma respondeu: *“Ah, como pais também pra mim. Porque eles me apoiaram bastante”* (Dienifer, 29 de agosto de 2019). Esse apoio a que Dienifer se refere pode ser interpretado como o cuidado que a família acolhedora teve com ela nos meses em que a acolheram.

Segundo Winnicott (apud VALENTE, 2013, p. 234) “o ser humano não pode ser percebido como um objeto da natureza, mas sim como uma pessoa que, para existir, precisa do cuidado e da atenção do outro ser humano”. A teoria winnicottiana afirma que “nenhuma criança, pode vir a tornar-se real, a não ser sob os cuidados de um ambiente que lhe ofereça sustentação e facilite os processos de amadurecimento” (VALENTE, 2013, p. 234). Essa sustentação a qual a autora se refere na teoria de Winnicott não é compreendida apenas nos cuidados físicos, pois, o cuidado perpassa essa dimensão e se direciona ao emocional, à afetividade, ao amor e ao propiciar um ambiente saudável de desenvolvimento e que consiga acolher.

Além do cuidado durante todo o acolhimento, a família sente que teve outras contribuições positivas na vida das crianças. Marina relata: *“A gente vê o que realmente foi o papel da família acolhedora, o nosso papel na vida delas (crianças). Elas acabam sempre levando algo nosso e fica pra sempre. Eles têm muito daquilo que nós ensinamos pra eles, e eles têm mais segurança até pra ir pra um novo lar, porque primeiramente elas chegam bem inseguras né. Elas são crianças inseguras, geralmente elas têm muito medo. Então elas acabam tendo uma grande segurança. Todas as crianças que nós acolhemos que foi embora, a gente viu muito isso neles. Se tornaram crianças mais seguras, determinadas. Eles ganharam foco”* (Marina, 29 de agosto de 2019).

O acolhimento de Dienifer foi um dos mais longos pelo qual o casal passou, e também um dos mais difíceis que tiveram. Se era árduo segurar as lágrimas apenas ao ler os imensos documentos que relatavam a história de vida da adolescente, imagine-se estando ao lado de uma menina que com apenas 12 anos carregava tanta culpa, mágoa e tristeza. O casal relata que a situação pela qual a adolescente passou com sua família de origem gerou consequências na escola e também em sua autoestima. Marina relata: *“Ela chegou totalmente desestruturada emocionalmente, um desgaste físico porque a rotina, a vida que ela tinha né não era uma coisa boa, então ela se transformou né, foi uma transformação enorme assim, tanto na escola, ela veio com muitas dificuldades na escola, e aí ela foi crescendo ao longo do tempo, ela foi melhorando na escola, foi melhorando o cuidado com ela mesma na aparência dela,*



*ganhando uma segurança, autoestima, tinha a autoestima lá embaixo, realmente ela se transformou né”* (Marina, 29 de agosto de 2019).

Dienifer conta que na casa de Marina e João também recebeu auxílio nos estudos: *“Eu estudo bastante agora, antes eu não era muito habituada muito a estudar, mas, depois a Tia Marina fez uma tabela pra mim, daí agora a gente vai fazer de novo a tabela de estudos pra mim lá em casa e a gente vai começar a estudar pra melhora as nota e tá sendo bom”* (Dienifer, 29 de agosto de 2019). Segundo Marina, atualmente Dienifer tem outra perspectiva de vida: *“A partir do momento que ela ganhou essa perspectiva também foi o que contribuiu pra ela estudar, pra ela realmente melhorar nos estudo, que ela viu que podia ser além daquilo que foi apresentado pra ela até então. Hoje ela tem sonhos que era uma coisa que ela não tinha quando chegou né. Era tanto faz. Ah, o que você quer ser na vida? Ela dizia: ‘Não sei, não vou ser nada’ ”* (Marina, 29 de agosto de 2019). Hoje, Dienifer fala abertamente sobre seu futuro, sempre sorrindo e confiante do que quer para sua vida. Tem o sonho de ser policial, pois para ela “policial protege”.

A oportunidade de conviver com realidades distintas daquelas conhecidas até então pela criança ou pelo adolescente possibilita que haja um amplo desenvolvimento dos mesmos, tanto físico quanto o desenvolvimento mental (OLIC, 2019, p. 42). Segundo Olic (2019, p. 108) ao ofertar o suprimento ambiental necessário à criança e ao adolescente, a família acolhedora proporciona confiabilidade, diferentemente do ambiente familiar em que estava, onde provavelmente teria a privação de um desenvolvimento salutar. De acordo com Winnicott, (apud OLIC, 2019, p. 72) “quando você constrói um lar para uma criança, você está lhe dando um pouco do mundo que ela pode compreender e em que pode acreditar nos momentos que o amor falha”.

Ao serem indagados sobre as percepções do Programa, alguns entrevistados trazem as positivities do acolhimento familiar em comparação à institucionalização. Para Ana Beatriz, assistente social que trabalhou no serviço de acolhimento familiar e nas casas de acolhimento institucional, o Programa Família Acolhedora é mais benéfico. De acordo com a profissional: *“O Família Acolhedora é fantástico pra criança e o adolescente que estão em acolhimento. O crescimento, a vivência em família, oportuniza pra eles outro olhar de vida que por vezes eles podiam não tá vivendo ou não viviam pela situação que passavam na família de origem. Os bebês era nítida a diferença no olhar. Como a gente convive com a criança da casa de acolhimento, vê elas na instituição, tu olha uma criança, por mais amor que os cuidadores tenham nas casas de acolhimento, que as equipes técnicas tenham, é um cuidado muito*

*distribuído. Elas não ficam sempre, troca de monitor, troca o cuidador a cada horário, tem mais crianças para serem cuidadas e tal, então eu percebia no olhar uma criança em família acolhedora, o olhinho brilhava, tu chamava pelo nome a criança já conseguia firmar a cabecinha, um desenvolvimento mesmo físico e emocional diferente da criança das casas de acolhimento, com um olhar mais paradinho” (Ana Beatriz, 27 de agosto de 2019).*

Não se pretende aqui diminuir os trabalhos dos cuidadores do acolhimento institucional e das equipes das casas de acolhimento que fazem sim um trabalho importantíssimo com crianças e adolescentes acolhidos. O objetivo é apenas ressaltar positividade do acolhimento familiar na vida de crianças e adolescentes. De acordo com Olic (2019, p. 46) pesquisas vêm sendo realizadas com o intuito de mostrar os benefícios trazidos pelo acolhimento familiar indicando que alguns cuidados inadequados na infância podem acabar prejudicando o desenvolvimento emocional e social no futuro.

Em vários aspectos do desenvolvimento (cerebral, comportamental, emocional e social), as crianças que permaneceram em acolhimento familiar tiveram um desenvolvimento satisfatório em comparação às que permaneceram na instituição. O estudo apontou também que, quanto antes a criança for retirada da instituição e colocada em um ambiente familiar, maiores serão as chances de retomada e ganhos no desenvolvimento. Soma-se a isso a qualidade e a estabilidade do que é oferecido em um ambiente familiar, que auxiliam o processo de desenvolvimento. Os dados da pesquisa sugerem a importância da intervenção precoce, isto é, o ganho no desenvolvimento infantil ao se priorizar o acolhimento familiar ao institucional para crianças que foram afastadas no convívio com sua família (OLIC, 2019, p. 46 e 47).

Apesar das fragilidades que apareceram nas entrevistas, as famílias acolhedoras têm percepções positivas do programa e ressaltam a oportunidade de crianças e adolescentes terem uma família. Marta e Pedro formam um casal amável. Conheceram o Programa através de outras famílias acolhedoras, e passaram pela avaliação psicossocial da equipe técnica. Foram habilitados e pouco tempo depois puderam acolher. Hoje juntamente com seus dois filhos constituem a família acolhedora mais recente do serviço. Há cinco meses acolhem Miguel, um adolescente que passou quase toda a sua vida em uma casa de acolhimento e não teve experiências sobre o que é ter ou como viver em uma família.

Na primeira semana, Miguel já se referia a Pedro como “pai”. A vinculação foi instantânea e Pedro relata isso como um grande benefício: *“O benefício pra ele é que ele vai ter uma família né, ele tem a oportunidade de saber o que é uma família, de entender, porque ele passou por uma situação difícil. Creio que outros jovens também tenham passado por isso e por situações que nenhum jovem deve passar”*. Consoante a isso, Marta afirma: *“O fato família, o fato carinho né, o fato... eu digo pros meus filhos: ‘ele ainda não sabe lidar com*

*uma família entende?’, ele mesmo disse: ‘eu nunca tive uma mãe, nunca tive um pai’, então ele tá aprendendo a lidar com uma família. Então acho que é esse o benefício, a família em si. O núcleo familiar né” (Pedro, 17 de setembro de 2019).*

De acordo com Pedro, no momento em que acolheram Miguel sentiram que o mesmo tinha dificuldades de se relacionar tendo problemas sérios na escola: *“Qualquer pessoa que fizesse alguma coisa errada na visão dele né, ele começava a agir diferente. Ele chegou pra nós com uma situação onde tudo pra ele era difícil, ele não aceitava um não quando as pessoas lá fora falavam. Ele tinha uma dificuldade é... de defesa né” (Pedro, 17 de setembro de 2019).* Hoje, o pai acolhedor vê mudanças significativas no filho: *“Ele é um guri muito carinhoso, ele tem se mostrado muito afetivo, ele é receptivo, obediente, ele mudou, porque ele consegue compreender melhor as pessoas” (Pedro, 17 de setembro de 2019).*

Olic afirma que:

A relação estabelecida entre a família acolhedora e a criança são potenciais para a realização de um acolhimento que contemple suas necessidades e garanta uma experiência reparadora e fundamental para suas relações futuras. É menos prejudicial para a criança se separar da família quando há a possibilidade de constituir, nesse período, relações de afeto e cuidado (OLIC, 2019, p. 44).

Deste modo é possível compreender que a vivência dentro de uma família acolhedora pode proporcionar que crianças e adolescentes conheçam outras realidades sobre o que é ter uma vivência em família protetiva superando as situações de vida que os fizeram serem acolhidos.

Daniela, uma mulher forte e determinada teve sua vida transformada depois que adotou Dienifer. Conheceu-a através da família acolhedora, a qual já fazia parte do seu círculo social. Feliz coincidência que iria complementar a sua família com a adolescente que foi acolhida por amigos. Quando indagada sobre o programa, ressalta que o mesmo ajudou sua filha a superar a situação que passou com a família de origem: *“Eles colocaram dentro de uma família que assumiu ela, amou ela sabe? Colocaram dentro de uma família que aceitou ela e não julgou ela no que aconteceu mas somente abraçou ela e protegeu ela o tempo que teve lá” (Daniela, 29 de agosto de 2019).* No dia que completou um ano de acolhimento em família acolhedora, Dienifer foi adotada. Completava naquela semana seu décimo terceiro aniversário. O seu maior presente foi uma nova família para amar e ser amada.

### 3. Os desafios do Programa Família Acolhedora

A segunda categoria que surgiu através da análise de dados foi referente ao **trabalho da equipe técnica**. Através desta categoria foi possível responder ao objetivo que se referia a identificação de como a intervenção profissional possibilitou o rompimento das situações de violência e superação das violações de direitos de crianças e adolescentes. Foi também por meio desta categoria que se pode elencar falas importantes das famílias acolhedoras, bem como, da adolescente, que traduzem a realidade do atual processo de trabalho desenvolvido dentro do programa e o seu papel na dinâmica das demandas, assim como a sua importância na vida dos principais atores sociais do serviço de acolhimento familiar.

No Programa Família Acolhedora há o processo de corresponsabilização onde a equipe técnica do serviço composta por um assistente social e um psicólogo, desenvolve ações que visam o cuidado das crianças e adolescentes e das famílias de origem. Nessa perspectiva, o cuidado em relação às famílias de origem vêm com o objetivo de olhar para as potencialidades de cada núcleo, fortalecer os vínculos familiares e trabalhar com as questões de violência, drogadição, alcoolismo, entre outras, que fizeram os filhos necessitarem de uma medida de proteção. Corroborando, Valente afirma:

[...] o cuidado e a proteção das famílias de origem se fazem no sentido de fortalecê-las para reconhecerem suas competências e permitirem-se colocá-las em evidência. Essas ações, na medida que ampliam a autoestima, fortalecem a capacidade de superação de determinados limites cujas causas tanto podem estar em circunstâncias de suas vidas quanto nas dificuldades de mobilização de suas capacidades (VALENTE, 2013, p. 125)

Em relação às crianças e os adolescentes, os cuidados são oferecidos pela família acolhedora. Essa responsabilidade de cuidados de uma família acolhedora com uma criança ou um adolescente vem através de uma preparação e do acompanhamento do serviço, que por tratar de uma trama complexa desenvolveu certas fragilidades, principalmente em relação a equipe de profissionais que atua no serviço. Nas falas das famílias acolhedoras entrevistadas foi sendo mostrada a dimensão do programa, onde foi possível observar a operacionalização e os processos de trabalho da equipe.

Fábio e Aline, são companheiros há longos anos. Formam um casal adorável e genuíno, que falam calmamente, com paciência e com um tom adocicado. Pode-se facilmente imaginá-los rodeados de crianças, cuidando-as e amando-as. Foram família acolhedora por um período de seis anos onde tiveram a oportunidade de acolher três crianças, com as quais

partilharam suas vidas, a de seus filhos e netos. Ao relembra-rem o acolhimento dos pequenos que cuidaram por meses, é perceptível a adoração e o amor sentido por eles que falam com grande felicidade e deleite dos seus filhos do coração. São memórias boas que deixam saudades e o gostinho de poder viver novamente aqueles momentos.

Entre experiências positivas e negativas dos acolhimentos, o casal relatou algumas das dificuldades durante o processo, principalmente aspectos relacionados ao trabalho da equipe técnica do serviço. Era possível notar em suas falas a grande crítica tecida por eles, além da tristeza e desânimo com que relatavam as situações que os fizeram sentir-se sozinhos e desamparados durante quase todo o tempo em que foram família acolhedora. Era uma ferida que ainda não havia cicatrizado e talvez a sua cura veio através de poder falar sobre suas angústias que estavam guardadas desde o dia que decidiram não serem mais uma família acolhedora.

Fábio e Aline contaram que durante os três acolhimentos sentiram-se descartados logo após a adoção das crianças. Posterior ao primeiro acolhimento o casal pensou em desistir, contudo, com a troca da equipe do programa repensaram e decidiram continuar. Segundo eles, novamente saíram magoados. Aline relata: *“Pra resumir... é que eles nos dão toda a assistência e tal, a gente sabe que a gente entra no programa que tem suas leis, suas normas, mas no momento que você entrega a criança, um pouco antes de entregar eles usam a gente... eles nos descartam entendeu? Não diretamente pra nós, mas pras famílias adotivas sabe? Só não aconteceu com a do meio, com a criança que a gente acolheu no meio porque a gente ficou com ela 30 dias e foi muito rápido sabe? Não teve nem visitaçãõ né, o juiz deu e a gente já entregou a criança então a gente nem ficou sabendo. Agora o primeiro caso que a gente acolheu e o terceiro aconteceu a mesma coisa, quando teve as visitações, quando tava quase chegando a hora da criança ir definitiva pro casal adotivo, nos dois casos eles pediram pra família adotiva irem virando as costas pra gente. Então...as duas vezes eu me magoei, eu fiquei muito triste”* (Aline, 05 de setembro de 2019).

Aline ainda relata que entenderia perfeitamente a decisão do casal adotivo em não querer que a criança continuasse tecendo vínculos com eles, mas, essa deveria ser uma decisão da família adotiva e não uma deliberação tomada com interferência do programa: *“Desde que a gente foi habilitado, desde o momento que nos foi explicado, a gente sabe que a nossa missão é até a criança ser adotada, depois se o casal adotivo quer continuar assim, permitindo que a gente veja tudo bem. Se eles disserem que não a gente também sabe que não, a gente aceita isso. Assim, é uma fase muito dolorosa, é o momento onde você entrega a*

*criança, a gente se prepara pra isso, mas dói igual. E no caso assim, dizem que tem psicólogo, que a gente vai ter apoio, mas nunca tivemos. Psicólogo nenhum”* (Aline, 05 de setembro de 2019).

De acordo com o Conselho Nacional do Direito da Criança e do adolescente (CONANDA), nas orientações técnicas sobre os serviços de acolhimento a infância e juventude, material que dispõe ainda atribuições e parâmetros de funcionamento do serviço, é função da equipe técnica dar suporte à família acolhedora no desacolhimento e buscar ao máximo que a criança e o adolescente continuem a vinculação com a família acolhedora.

Realizar encontros com a família acolhedora (entrevistas individuais e com o grupo familiar), com foco na saída da criança/adolescente e na experiência de separação, oferecendo apoio psicossocial após a saída do (a) acolhido (a) manutenção das atividades em grupo com outras famílias acolhedoras e do contato regular com a equipe técnica.

Intermediar e orientar a família acolhedora com relação à manutenção de vínculos com a criança/adolescente e sua família após a reintegração familiar, o que também amplia a proteção da criança/adolescente acolhido (BRASIL, 2009, p. 90)

Imagine agora ficar meses, até anos com uma família que o levou para escola, lhe ensinou a falar, a caminhar, a ler. Que lhe cuidou, o amou imensamente, e depois você não pode mais os ver. O sentimento pode ser comparado ao afastamento de uma criança a sua família de origem. Por mais que, às vezes, esse distanciamento pode ser libertador para a criança e o adolescente que naquele espaço era vítima de algum tipo de violência, ainda assim é dolorido, pois, é aquela a sua referência de vida, a pessoa com a qual conviveu durante muito tempo. Por que com a família acolhedora seria diferente?

A família de Marina também sentiu falta da equipe no momento do desacolhimento, e relatou: *“Essa parte eu acho que é um pouco falha. Ainda não... não houve assim um suporte sabe? Do acolhimento até o dia do desacolhimento a equipe tá ali, depois é meio que a gente tem que se reestruturar sozinho assim, então não tem realmente esse apoio”* (Marina, 29 de agosto de 2019). João complementa a experiência do desacolhimento, como algo “terrível”, uma vez que já tinham se vinculado demais a criança.

Tanto nos casos de reintegração familiar quanto no encaminhamento para a família substituta, deve-se promover um processo de desligamento gradativo, com uma crescente aproximação da família na vida da criança, respeitando seu tempo de assimilação e permitindo a despedida necessária do ambiente e daqueles com quem esteve ligada, para que, assim, o processo seja vivido por ela como uma passagem, e não como uma ruptura (OLIC, 2019, p. 94)

Aline ainda destaca que o desacolhimento foi uma experiência difícil e dolorosa, e que causou consequências sérias de saúde ligadas estritamente ao seu emocional que se encontrava fragilizado devido à situação: *“Nós ficamos... o primeiro acolhimento nós ficamos dias em casa, eu e o Fábio, sem sair de casa. Aquilo lá doeu muito, mesmo a gente tando preparado há um ano e quatro meses. Eu não sei que tipo de assistência psicológica que ia dar pra nós uma psicóloga, não sei, mas a gente não teve, a gente aguentou no osso duro no peito, sabe? E depois o segundo acolhimento e o terceiro a mesma coisa. Nessa entrega, agora essa última, nossa eu fiquei muito doente né. Eu fiquei assim bastante debilitada digamos, sabe? Mas tudo bem. Tanto que foi motivo também que a gente pensa assim, ah, gente ama essas crianças, a gente amou ter feito isso, mas também a gente não precisa passar por isso. Sabe? É uma dor grande, por mais que seja gostoso, mas imagina pegar um bebê, amar todo esse tempo e no final você se sente meio usado, entendeu? Ai pensei: ‘por isso a gente não precisa mais passar’, então a gente saiu. Mas eu fiquei bastante (doente), tive problema do coração, eu achei que tinha problema do coração, fui fazer exame e eu não tenho nada, era só dor mesmo, e tudo depois que a gente entregou ele”* (Aline, 05 de setembro de 2019).

De acordo com os relatos é notável a falta de acompanhamento da equipe tanto durante o acolhimento que contou com poucas metodologias de intervenção, como durante o desacolhimento ao não dar suporte às famílias. Fábio relata: *“O terceiro (acolhimento) nós tava jantando num sábado de noite, ligaram pra nós no restaurante pra saber como é que nós tava. Num sábado de noite. Claro, nós podia tá em casa, mas a gente tinha saído jantar fora. Ela queria saber dai, conversar com a Aline por telefone, a psicóloga. Tinha que marcar um horário, ir lá em casa ou nós ir no local”* (Fábio, 05 de setembro de 2019). Aline complementa: *“Na verdade eu disse que tava tudo bem, a gente tava no restaurante, mas na verdade eu tava comendo e chorando né. Era o primeiro sábado que a gente ficava sem ele sabe? ”* (Aline, 05 de setembro de 2019).

O Programa Família Acolhedora quando instituído no município, contemplava objetivos muito específicos e relacionados às crianças e aos adolescentes acolhidos. Desse modo, importa dizer que no documento relativo à proposta do acolhimento familiar não observa-se menção à metodologias de acompanhamento que deveriam considerar um olhar para as famílias acolhedoras, sendo que conforme as falas coletadas na pesquisa, elas, ao passarem mais tempo com as crianças e adolescentes, acabam envolvidas numa dinâmica onde perpassam sofrimentos, tristezas e outros processos. A família acolhedora também

necessita de cuidados, pois, é um trabalho com seres humanos que sentem, choram, sofrem, sorriem e transformam-se através das realidades que convivem. O cuidado nesse cotidiano também pode remeter à importância que uma família acolhedora tem dentro do serviço. Ela pode sentir-se muito importante para aquela criança e ao mesmo tempo sentir-se abandonada (como é o caso) pela equipe.

Fica claro que a trama de cuidados e proteção (VALENTE, 2013) é central nesse tipo de trabalho, tanto em relação à criança como às famílias acolhedora e de origem. Para que a experiência possa ser efetiva e ter uma função reparadora, o serviço deve apoiar e sustentar todos os envolvidos ao longo do processo. É esse acompanhamento sistemático e cuidadoso que faz a diferença (OLIC, 2019, p. 80)

Segundo Boff (apud VALENTE, 2013, p. 237) “faz parte da estrutura de base do ser humano o precisar ser cuidado. A humanidade do ser humano tem se construído por dupla perspectiva- ser cuidado e ser cuidador”. Existe muito mais um cuidado com as famílias de origem do que com as famílias acolhedoras, sendo que foi sob essa perspectiva do cuidado das famílias entrevistadas que se preocupou com as situações relatadas, que trouxe a capacidade de inquietar-se por suas histórias.

O Programa Família Acolhedora pode ser entendido também como uma corresponsabilização entre o Estado, onde atua a equipe técnica, as famílias acolhedoras como a sociedade civil e a família de origem, exatamente como dispõe a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 227.<sup>10</sup> Observou-se que os cuidados com a criança são ofertados integralmente pela família acolhedora. Aline afirma: “*No cuidado, quem cuidou foi a gente 100%, até umas vezes chegaram a falar que seria diferente, que uma vez por semana alguém ia pegar e ia cuidar pra gente um dia, entendeu? Pra não ficar só no nosso cuidado, mas só falaram. Nunca ninguém pegou pra cuidar. A gente cuidou assim 100% até a hora de entregar. Até eles falaram: ‘agora a gente vai fazer assim, uma vez por semana, a cada 15 dias alguém vai buscar e vão passar o dia’. Nunca aconteceu*” (Aline, 05 de setembro de 2019). Fábio acrescenta: “*Coloquei ele como meu dependente no IPE e tudo por causa de médico, nós cuidamos como se fosse um filho né*” (Fábio, 05 de setembro de 2019).

O penúltimo acolhimento da família de João e Marina também foi desafiador nesse sentido, haja vista a adolescente trazer demandas complexas que sozinhos o casal não

---

<sup>10</sup> É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).



conseguia trabalhar com a menina. Segundo eles, foi nesse momento que sentiram uma fragilização no serviço. Marina afirma que: *“Às vezes eles trazem algumas demandas né, que nós não sabemos como lidar né. Então eu acho que se a equipe tive um pouco mais próxima das famílias vai se tornar um pouco mais fácil”*. E acrescenta: *“Falta um pouco de suporte. Eu acho que precisa ter uma aproximação maior tanto da equipe técnica com as famílias e com as crianças acolhidas, a gente acaba muitas vezes nos sentindo sozinhos como família. João pontua que: “precisa de um apoio um pouco maior da equipe né, de tá um pouco mais próxima da família, mais próximo das crianças, ter mais acompanhamento também né e procura vê o que poderia mais acrescenta pra criança”*. (Marina, 29 de agosto de 2019).

A mesma fragilidade em relação a equipe técnica foi percebida nas falas da família de Marta e Pedro. O adolescente que acolhem hoje tem 16 anos e uma longa história de vida, pois, desde criança viveu dentro das paredes de uma casa de acolhimento institucional. Segundo a família, o adolescente mostrou-se agressivo em algumas situações, frágil e emocionalmente privado de afeto e amor em outras. Deste modo, traz muitas demandas que a família acolhedora sozinha não está pronta para enfrentar. O casal afirma que sente falta de um maior apoio da equipe de profissionais e definem que se sentem abandonados pelo serviço.

Marta relata: *“Eu me sinto abandonada nesse sentido. Tipo ‘o Filho é teu, te vira’, entende? Então assim, quando foi pra gente pegar ele era: ‘ah, pode contar com a gente’. Foi bem desafiador pra mim, tá sendo ainda, não é fácil pra mim. Então é bem desafiador. Inclusive, eu não quero ter outros depois que o Miguel sair daqui, eu não quero mais entende? Eu acho que falta um pouquinho da assistência de ‘ó, como é que tá sendo? Como ele tem se comportado? Como a gente pode ajudar?’ , a psicóloga principalmente. Não recebi esse apoio psicológico que eu tô precisando”* (Marta, 17 de setembro de 2019).

O relato de Marta e Pedro foi simplesmente impactante de se ouvir. Ao dizer não quererem mais ter a experiência do acolhimento familiar após a situação que vivenciam com Miguel, a única coisa a se pensar é aonde o adolescente irá morar depois do desacolhimento? Quer dizer, Miguel já tem 16 anos. A expectativa era de que o mesmo continuasse com a família após completar a maioridade, afinal o adolescente não pode retornar ao acolhimento institucional justamente após ter a família que sonhou durante toda a sua vida. Seria injusto, violador e doloroso. Ele ainda não está preparado para a vida adulta de independência. Miguel apresenta atraso escolar e tem muitas dificuldades de aprendizagem. E a família? É perceptível o cansaço em suas vozes. Eles estão adoecendo, pois, ao mesmo tempo em que

pensam em seus próprios filhos e como eles estão se sentindo sozinhos, pensam no adolescente em que acolhem e em como seria para ele não estar mais naquele ambiente. Eles não sabem como agir. Precisam da equipe de profissionais.

Segundo o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Criança e Adolescente a Convivência Familiar e Comunitário (PNCFC-2006), a metodologia de funcionamento do programa prevê a “capacitação, acompanhamento e supervisão das famílias acolhedoras por uma equipe multiprofissional” (BRASIL, 2006), o que de acordo com as famílias acontece de forma bem infrequente. Marta afirma: *“A equipe pra mim não tá existindo, não tá existindo. Ou seja, eles tão esperando que eu vá lá. Mas eu não recebi nenhum telefone ‘como que tá?’, entende? Então eu me sinto deixada de lado, com toda a responsabilidade. Claro, a gente assumiu a responsabilidade, mas eu acho que tem que ter um apoio mais eficaz. E também é assim, é uma cobrança, o nosso filho tem que tá bem, mas te vira. Eu acho que falta isso nesse programa, assistência psicológica principalmente. Porque as vezes eu fico pensando, não sei se eu quero continuar né, por mim, mas eu penso nele (Miguel), mas se a gente largar ele, o que vai ser dele daí depois? Só que tá sendo bem desafiador. Pra mim tá sendo difícil”*. (Marta, 17 de setembro de 2019).

Consoante a isso Fábio expressa a necessidade de acompanhamento psicológico para as famílias acolhedoras em decorrência do desgaste emocional durante o acolhimento: *“Tem que ter uma avaliação psicológica todo mês, ou de 15 em 15 dias. Porque eles largam a criança ali e depois só vão buscar quando sai a adoção. Tem que ter um acompanhamento psicológico. Essa é a falha deles”*. (Fábio, 05 de setembro de 2019).

Segundo o CONANDA, além de avaliar critérios específicos quanto à compatibilidade com a função de acolhimento, a equipe deve indicar o perfil de criança e/ou adolescente que cada família está habilitada a acolher, sendo que “é importante nesse processo, ouvir a opinião da família quanto a este aspecto, ainda que durante o processo de capacitação essa avaliação possa modificar-se” (BRASIL, 2009, p. 85). Para Marta, ainda falta a escuta da família: *“No Programa Família Acolhedora o que eu sinto é o lado da família, entende? O que nós recebemos? Nós recebemos algumas perguntas lá, e eu respondi e eu falei como que eu queria, como que era, como que não era, e o que a gente recebeu essa criança a gente viu que umas coisas que eu não queria estavam inclusas no pacote, né. Então, eu acho assim que falta um pouquinho de atenção pra família sabe? ”* (Marta, 17 de setembro de 2019).

Uma criança ou um adolescente não são pacotes, mercadorias ou quaisquer outros objetos onde na sua compra pode-se escolher características, ou nesse caso, sua cor, raça e

religião. Crianças e adolescentes não podem ser devolvidos quando uma atitude, fala ou ação deles desagrada. Deste modo, parte da equipe técnica sensibilizar as famílias, observar suas capacidades de flexibilidade, tolerância e estabilidade emocional (BRASIL, 2009, p. 84).

Ressalta-se que a intenção não é a de culpabilizar os profissionais que trabalharam ou ainda atuam dentro do programa. É importante reconhecer as limitações e dificuldades de realizar atividades dentro do serviço devido a uma série de fatores internos e externos, que se referem aos profissionais, mas também a instituição e gestão municipal.

Ana Beatriz relata que o não investimento da gestão municipal no programa dificulta que mais pessoas conheçam o serviço e impede que o mesmo atinja seus objetivos. A profissional afirma que: *“A equipe se puxa muito, busca fazer todo o atendimento. Eu vejo que a gestão ainda tem algumas falhas que acabam não conseguindo atingir totalmente o objetivo acho que poderia ir muito além se tivesse o apoio maior da gestão nesse sentido assim sabe? Divulgação em mídia, o próprio interesse que hoje a gente vê que é um pouco reduzido”* (Ana Beatriz, 27 de agosto de 2019).

Corroborando França:

A divulgação passou a ser uma fase importante da implementação do programa, constituindo o momento de procurar envolver a comunidade, [...], tendo a premissa da convivência familiar e comunitária das crianças e dos adolescentes em situação de vulnerabilidade social (apud BARROS, 2015, p. 129).

João também lamenta o pouco número de famílias. Ao ser questionado sobre alternativas para a fomentação do programa, o mesmo expressa que um dos meios seria a divulgação por parte da gestão municipal João afirma: *“Acho que divulgar mais acho o programa, ser mais divulgado publicamente né”* (João, 29 de agosto de 2019).

Outro ponto muito salientado durante as entrevistas é a não compreensão dos outros serviços sobre o programa e a falta de suporte tanto das outras políticas, como da gestão municipal como um todo, o que acaba por dificultar o acesso a importantes direitos sociais de crianças e adolescentes. Ressaltam ainda que muitas vezes a equipe não consegue fazer uma ponte que facilite o acesso à política de educação e principalmente serviços de saúde. Segundo a assistente social, a rede de serviços composta pelas outras políticas não tem a compreensão da complexidade das demandas, e não estão preparadas para o trabalho com o serviço de acolhimento familiar. Fábio chegou a destacar a dificuldade das crianças em acessarem outros serviços como o de saúde, por exemplo: *“Ah, outra coisa também que eles disseram é assim: ‘se caso precisar de médico, tu vai num CAIS, e tu diga que é Família*

*Acolhedora que você tem prioridade'. Não tem nada disso. Tem que esperar na fila que nem os outros"* (Fábio, 05 de setembro de 2019).

Marina e João acolheram uma bebê de apenas seis meses. A bebê foi acolhida devido à situação da mãe que era usuária de crack há 15 anos e infelizmente não conseguia completar seus tratamentos de saúde por conta das metodologias propostas a ela e por questões familiares que dificultavam com que a mesma parasse o consumo. Durante toda a gestão a mãe usou abusivamente de crack e álcool fazendo com que a sua filha apresente hoje crises de abstinência. A família acolhedora em todo o acolhimento tentou contato com a rede de saúde. Algumas vezes as tentativas foram infrutíferas.

Marina relata: *"Acho que se tivesse interligados os programas vai facilita o acesso a principalmente a médicos né. Por exemplo, nós estamos aguardando, nós não, a criança. Ela já foi (para a família de origem), mas ela ainda não conseguiu a consulta com um neurologista, e ela realmente precisava com urgência pra pode traça qual que realmente é a dificuldade dela e ajuda ela. Elas (crianças) vêm com uma demanda muito grande, às vezes elas não têm tempo pra esperar, as vezes é de imediato, ela precisa de um auxílio de um psicólogo, ela precisa de um auxílio de um neurologista pra ver se afetou alguma coisa a mais, ela precisa de um auxílio maior sabe? Que as vezes foge do nosso alcance né. Nós vamos correr atrás, mas tudo é bem demorado. Então acho que se tivesse realmente interligado, que as coisas se tornassem um pouco mais rápidas né, porque nesses casos dessas crianças elas têm mais urgência né. Elas já vêm totalmente debilitadas, então elas precisam de um suporte maior pra que elas realmente se reestruturassem mais rápido né"* (Marina, 29 de agosto de 2019).

A criança havia sido acolhida ainda no ano de 2018, sendo que retornou para um familiar extensa no ano de 2019. As entrevistas foram realizadas no mês de agosto de 2019, e segundo a família, a criança ainda não havia conseguido atendimento com um neurologista. A equipe técnica tem a atribuição de providenciar encaminhamentos jurídico-administrativos e também junto à rede de educação, saúde e outros serviços que se fizerem necessários (BRASIL, 2009, p. 89). Porém, após a inserção durante o Estágio em Serviço Social no serviço, observou-se que garantir os mais básicos direitos se torna uma limitação quando a equipe não dispõe de meios de locomoção para realizar visitas domiciliares às famílias acolhedoras e as crianças e adolescentes, além de ter de realizar também intervenções com as famílias de origem e responder as demandas e os curtos prazos do judiciário.

Ana Beatriz destaca a necessidade de um olhar mais sensível dos gestores, para que compreendam as complexas demandas do serviço. Nesse sentido, observa-se que a própria equipe também precisa de cuidados. Cuidados esses que podem vir através dos coordenadores e gestores.

Nos cuidados devidos à equipe, na medida em que sua ação compõe uma trama complexa, a atenção também precisa ser complexa: precisa considerar o trabalho com a rede de serviços e com a rede formada pelas pessoas significativas; precisa cuidar e proteger a equipe técnica para seu fortalecimento emocional, teórico e metodológico, por meio de um processo reflexivo, de formação continuada e de supervisão institucional. Esses cuidados são fundamentais para que a equipe mantenha uma atitude proativa na operação das ações de cuidados que elas próprias desenvolvem e permaneçam aptos para toda a articulação e todo o fortalecimento necessários (VALENTE, 2013, p.125).

A partir das experiências relatadas pelas famílias é possível entender a dimensão da complexidade com que se desenvolve o programa atualmente. Devido a uma série de questões a equipe ainda não consegue promover importantes direitos sociais que poderiam auxiliar na superação das situações que adolescentes e crianças passaram, assim como ainda não consegue ter um olhar integral para todos os personagens que fazem o serviço de acolhimento familiar, incluindo as famílias acolhedoras.

#### **4. Um amor genuíno**

A última categoria resultante da análise de dados é **família**, esta que responde ao terceiro objetivo que remete a compreensão de como a oportunidade de conviver com outras realidades, de sentir o afeto e o cuidado, fortalece o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes que passam pelo serviço. A família é considerada como o agrupamento humano mais antigo, tendo em vista que todo indivíduo que nasce se insere de forma natural nessa instituição social (AUGUSTO, 2004, s/p), constituindo relações sanguíneas com os seus membros, compartilhando ideias, objetivos e sentimentos identitários. Vista também como parte universal do núcleo de toda sociedade, a família teve mudanças significativas que foram culminadas através de múltiplos fatores. Atualmente a instituição família adquiriu novas características de acordo com os hábitos culturais de cada época, buscando a união não mais apenas pela procriação, mas mediante afetividade, vínculo e pertencimento.

Porém, ainda é recente a discussão da ambiguidade entre a proteção X risco que pode ocorrer dentro do ambiente familiar. É nesse paradoxo que se encontram as mais diversas expressões da questão social, como drogadição, abandono, trabalho infantil, entre outros, que

somadas ao preconceito, discriminação e o não acesso a políticas públicas de qualidade impede uma convivência familiar salutar (PNCFC, 2006, p. 33). É essa realidade que muitas crianças e adolescentes que foram acolhidos conhecem. A realidade da violência. Uma família onde o pai agride a mãe, onde a mãe agride os filhos e onde o ciclo nunca se rompe.

Durante o tempo de estágio acompanhou-se uma família onde quatro irmãs eram submetidas a diversas violações pelos pais. Violações extremas que causavam indignação e que por vezes traziam à tona sentimentos não saudáveis para qualquer ser humano sentir. Quando foram acolhidas tinham grande dificuldade de conseguir conviver em família ou entender os papéis de cada membro. Tinham atitudes que não eram compatíveis com suas idades. Uma das crianças quase não falava e quando o fazia tinha grandes dificuldades. A família acolhedora dentro dessa dinâmica teve um grande papel, permitindo que essas crianças conhecessem outros modos de vida familiar, enriquecendo suas perspectivas de vida, criando expectativas sobre o futuro e tecendo relações com grande poder emocional e afetivo com as pessoas que as rodeavam.

Ana Beatriz relata uma das situações: *“Eu lembro de uma criança de três anos que me disse: ‘Tia, papai não precisa brigar né, papai não precisa bater, papai cuida, papai ama, que nem o tio (família acolhedora) cuida das filhas dele né e tá cuidando de nós né tia’”* (Ana Beatriz, 27 de agosto de 2019). Para Ana Beatriz, o programa consegue de forma efetiva contribuir no fortalecimento do desenvolvimento das crianças, definindo que o papel do programa e principalmente da família acolhedora é “transformar vidas”: *“É de um amor assim inacreditável porque tu sabe que vai passar e que tu vai tá na vida daquela criança, daquele adolescente em um dos momentos mais difíceis, senão o mais difícil da vida daquela pessoa. E tu vai poder com teu carinho, com o teu amor, com o teu ensinamento, com o teu limite que é importante colocar limite, porque é importante ensinar, tu vai transformar a vida daquela criança pra que ela possa ter um futuro diferente, pra que ela possa sair daquela vida de violência, de sofrimento, de tristeza, pra uma vida de alegria, de amor, de família, que se cuide, independente de quem é, aquela coisa, ‘ah, a família é o pai e mãe’, não. A família é o cachorro, a família é o gatinho, a família é o papagaio, é o tio, é o primo, é o vizinho, é as pessoas que cuidam, que amam, que protegem e é isso que tanto as crianças precisam né”* (Ana Beatriz, 27 de agosto de 2019).

A família pode ser pensada em diferentes aspectos, como por exemplo: um espaço onde as condições materiais são asseguradas ou como um grupo de pessoas ligados por laços sanguíneos. Contudo, após a Constituição Federal de 1988, a família deixa de ser percebida

apenas como uma instituição jurídica e unidade reprodutiva, e passa a ser um espaço<sup>11</sup> de relações e afetos para a formação cidadã. A família não é lugar de repressão e sim de liberdade, não é local de violência e sim complacência, não é onde há desamor e sim amor.

Aline afirma que o acolhimento familiar é único e relata: *“As crianças crescem crianças felizes né. Hoje eles são felizes e eles sabem que foram amados. Nossa, a gente deu muito amor, muito carinho* (Aline, 05 de setembro de 2019). Para Ana Beatriz, há amor no cuidado das famílias acolhedoras com as crianças. Segundo ela: *“É um amor altruísta... é fantástico”* (Ana Beatriz, 27 de agosto de 2019). Mas afinal, o que é o amor? A resposta é complexa, e por vezes é difícil o definir. Maturana compreende o amor como um sentimento essencial na vida humana.

O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica social e espiritual do adulto. Num sentido estrito, nós, seres humanos, nos originamos no amor e somos dependentes dele (MATURANA apud VALENTE, 2013, p. 236)

O amor pode se transformar, se moldar. O amor tem muitas faces, muitas cores. Pode ser vermelho flamejante ou pode ser dourado como a luz do dia. O amor pode ser felicidade, pode ser o cuidado, pode ser gentileza, paciência, respeito e afeto. E é nesse amor sincero que se construiu as relações entre crianças e adolescentes e suas famílias acolhedoras. Para Daniela, uma mãe adotiva emocionada que fala com os olhos cheios de lágrimas de felicidade sobre sua filha, a família acolhedora teve amor durante todo o tempo que acolheu a menina, e foi desse sentimento tão puro e genuíno que sua filha floresceu, tecendo sonhos para seu futuro. Foi ali onde ela aprendeu que família não é violência, e sim amor.

Daniela afirma: *“Ela ficou com uma família que deu amor tanto que quando eu conheci ela, com o tempo eu vi ela chamar meus amigos de pai e mãe, tanto que até hoje ela tem um carinho por eles. Eles mostraram pra ela um pouquinho o que era ter uma família, realmente uma família né. E foi o que ajudou ela, onde ela não teve dos 12 (anos) pra menos o amor de uma mãe, ela teve na família acolhedora, teve a mãe emprestada por um tempo até decidir a vida dela. Então eu via o carinho que eles tinham por ela, e ela por eles. Quando se encontram se abraçam, tu vê que existe um laço hoje entre ela e essa família, que foi o*

---

<sup>11</sup> Durante o Estágio Supervisionado em Serviço Social II acompanhou-se a adoção de um bebê de 8 meses por um casal homoafetivo. Hoje, os três formam uma família onde há amor e cuidado quebrando todas as barreiras de preconceito e ressignificando para toda uma sociedade o que é ser uma família.

*gostinho que ela teve de querer ter uma família né, tanto que ela mudou o pensamento dela”*. (Daniela, 29 de agosto de 2019). Para Dienifer, família hoje significa *“bastante amor e união”* (Dienifer, 29 de agosto de 2019).

Ao ser questionada sobre o desenvolvimento das crianças e adolescentes que passaram pelo acolhimento familiar a assistente social Ana Beatriz define o mesmo como fantástico: *“Em situação de um ano de acolhimento assim, a criança saiu de um mundo profundo de tristeza pra um olhar de alegria, de poder olhar o sol e dizer o quanto o sol é bonito, coisa que a criança não via antes, ela não conseguia perceber o sol, ela vivia tanto naquele sofrimento que pra ela era acordar e dormir e a vida passando. E aí começar a ter um outro olhar, ver o quanto um abraço, quanto um beijo né, até da gente enquanto técnico, se permitir entender que o beijo no rosto é demonstração de carinho, não é de sexualidade, não é de... pra passar a mão, não é violência, não é nada, é gesto de carinho, de afetividade, mesmo”* (Ana Beatriz, 27 de agosto de 2019).

As violências às quais as crianças e adolescentes são submetidas geram consequências inimagináveis, pois, vão além daquelas vistas fisicamente. São violências que deixam feridas na alma, que cavam fundo um buraco onde é depositada toda a felicidade que uma criança e um adolescente poderiam ter. Essas violações cegam, e não deixam ver as coisas mais simples da vida, como o próprio sol. Mesmo que ele brilhe todos os dias, é só mais uma forma de crianças e adolescentes contarem o tempo em que vivem dentro de um ambiente sufocante.

Ana Beatriz ressalta ainda que a família acolhedora e o ambiente que ela proporciona pode ressignificar a história de vida: *“Dá um novo sentido pra vida de uma criança, de um adolescente e o quanto isso é maravilhoso né? O quanto isso é fantástico, tu ter essa possibilidade e dentro do teu espaço, da tua casa, tu inclui uma pessoa a mais na tua rotina e isso é fantástico. Eu me emociono de falar assim, porque eu realmente acredito muito, muito nesse serviço, acredito muito no quanto uma criança pode...pode transformar sua vida, o quanto uma criança pode transformar sua vida a partir de um acolhimento familiar né. Por que infelizmente o acolhimento é inevitável, então que o benefício seja maior que os malefícios de um acolhimento que já são gigantes né”* (Ana Beatriz, 27 de agosto de 2019).

As histórias de crianças e adolescentes não podem ser apagadas ou simplesmente esquecidas, mas podem ganhar um novo significado. É através do acolhimento familiar e do suporte dados pelas famílias acolhedoras que crianças e adolescentes ganham foco, confiança em si mesmos, podendo assim ter uma vida digna e feliz.



## Considerações finais

Construir este artigo foi uma tarefa realmente desafiadora. Mais que pela dificuldade em escrever um texto sincero e que representasse as falas daqueles sujeitos e encontrar bibliografias que ajudassem nas discussões e reflexões feitas ao longo do trabalho, é sair da zona de conforto com os horários malucos, a locomoção de uma cidade para outra e inserir-se no espaço daquelas pessoas. É o desafio de perceber o Programa Família Acolhedora por outra ótica. Foram quase dois anos, três semestres, 400 horas dedicadas àquele espaço de trabalho onde se pode conhecer muitas famílias, sendo elas acolhedoras ou não, suas histórias e inquietar-se por elas.

Após o início das entrevistas, ouvindo todas aquelas pessoas, vendo seus rostos felizes ou tristes, e aqueles sorrisos com os lábios colados que demonstravam saudade, foi-se percebendo que havia ali fragilidades que afetavam seres, seus sentimentos, suas vidas. Essas fragilidades remetem a falhas na rede de proteção em não compreender a complexidade das demandas, da gestão que não investe no programa, e da equipe que por conta de uma alta demanda não consegue alcançar o objetivo do programa que remete ao acesso de crianças e adolescentes a direitos sociais básicos, como o acesso à saúde e educação. Para além disso, falta uma sensibilização para o trabalho com as famílias acolhedoras, haja vista, muitas vezes não serem percebidas como pessoas que também são possuidoras de direitos e que devem ser cuidadas integralmente, pois, são elas que passam todo o tempo com as crianças e adolescentes.

As famílias acolhedoras ficam com uma grande missão, aquela que remete ao cuidado. Durante todo o tempo que acolhem uma criança ou um adolescente são as responsáveis por seu desenvolvimento físico e mental. São eles os responsáveis também de levá-los à escola, ajudar nos deveres de casa, ensiná-los o que é afeto e amor. São eles que por vezes vêem o primeiro sorriso sincero, a primeira gargalhada, o primeiro dente, a primeira palavra, os primeiros passos, o primeiro “eu te amo” daquela criança.

Portanto, considerando todos os elementos trabalhados nesse artigo, é possível responder ao problema de pesquisa afirmando que os impactos do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora são positivos já que essas famílias representam espaços únicos de cuidado e afeto em que as crianças e adolescentes se desenvolvem de forma saudável e positiva, estabelecendo vínculos com as famílias acolhedoras que acabam se tornando uma referência na vida dos acolhidos. Além disso, estar em um contexto onde a violência não está

presente acaba por permitir que os mesmos conheçam novas formas de ser família, de viver outros espaços como a escola e outros ambientes de socialização e desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, L. F. **A evolução da ideia e do conceito de família**- 2014. Disponível em: <https://advocaciaptpa.jusbrasil.com.br/artigos/176611879/a-evolucao-da-ideia-e-do-conceito-de-familia>. <Acesso em: 14 nov. 2018.

BARROS, K. B. T. *O Direito a Convivência Familiar e Comunitária: um estudo sobre o Programa Família Acolhedora na cidade de São Luís nos anos de 2012 e 2013*. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 15 Out. 2019.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**. Brasília, DF: CONANDA, 2006.

\_\_\_\_\_. CONANDA- Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e CNAS- Conselho Nacional de Assistência Social (Coord.) **Orientações Técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes**. 2009. Brasília. Disponível em: [http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf) < Acesso em: 15 Out. 2019.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR

NETTO, J.P. **Capitalismo monopolista e serviço social** - 5 ed.- São Paulo, Cortez, 2006.

OLIC, T. B. (2019). *Família acolhedora: contribuições de Winnicott sobre a importância do ambiente familiar para o desenvolvimento infantil*. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MIOTO, R. **Cuidados sociais dirigidos à família e segmentos sociais vulneráveis**. Cadernos Cead, Brasília, UNB, módulo 4, 2000.

REZENDE, P. A. **O Estatuto da Criança e do Adolescente e o Acolhimento Familiar** [?]. Disponível em: [http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/download/O\\_ECA\\_e\\_o\\_acolhimento\\_familiar.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/download/O_ECA_e_o_acolhimento_familiar.pdf) < Acesso em: 16 out. 2018.

SILVA, J. R. S.; BARROS, V. **Avaliação De Políticas E Programas Sociais:** um destaque ao sentido das variáveis contextuais. R. Políticas Públicas, v. 8, n. 2 (2004).

VALENTE, Jane. **Família Acolhedora:** As relações de cuidado e de proteção no serviço de acolhimento. São Paulo: Paulus, 2013.